

TRANSIÇÃO E DESAFIOS SOBRE A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR NO ISCED/UON EM CABINDA/ANGOLA

Isael de Jesus Sena¹
Maria de Fátima Cardoso Gomes²

Introdução

Com base no enfoque crítico da psicologia educacional, este artigo busca discutir como se dá o processo de formação em Licenciatura de Psicologia e como vem sendo construída a sua transição para Psicologia Educacional e Escolar, realizada pelo Instituto Superior de Ciências da Educação – ISCED, em Cabinda/Angola³. Os resultados decorrentes deste trabalho são oriundos das missões de estudos concluídas no âmbito do Projeto de Implementação do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia, Psicanálise e Educação – LPPE, implementado a partir de uma parceria entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e o Instituto referido da Universidade 11 de Novembro. As atividades de pesquisas foram financiadas pela Coordenação de Pessoal de Nível Superior – CAPES e se inserem no Programa Pró-Mobilidade Internacional da Associação das Universidades de Língua Portuguesa – CAPES/AULP.

A pesquisa pôde constatar que os licenciados em ensino de psicologia, ao concluírem suas formações, são destinados a atuarem na educação básica e no ensino superior para aqueles que ingressam na pós-graduação. Em função do contexto social, da crise econômica em Angola, muitos recém-formados acabam lecionando disciplinas com as quais pouco se aproximam de sua formação de origem. Além disso, como ainda não há um campo de

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da FaE/UFMG, em regime de cotutela internacional com a Université Paris 8 – Vincennes Saint Denis. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Bahia. Psicólogo clínico e social. Bolsista pela CAPES. Integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisa Psicanalíticas e Educacionais - LEPSI / MG contato: senaisael@gmail.com

² Psicóloga, professora associada de Psicologia, Psicanálise e Educação da FaE/UFMG. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da FaE/UFMG. Ex-coordenadora do Projeto – 0035/12 CAPES (2013-2017). Ex-coordenadora LPPE/ISCED/UON – FaE/UFMG. mafacg@gmail.com

³ Pesquisa realizada entre os meses de outubro a dezembro de 2016, no âmbito de uma missão de estudos e trabalho, financiada pelo Programa de Pró-Mobilidade Internacional CAPES/AULP, processo n° 99999.000412/2016-03, em parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil) e a Universidade 11 de Novembro (Angola).

trabalho que acolha parte significativa desses profissionais, muitos atuam em áreas de prestação de serviços. Logo, a partir dos estudos e pesquisas desenvolvidas entre a equipe brasileira e a angolana, realizada nas primeiras missões de 2013 – 2015, percebemos a necessidade de ajustar o currículo de modo favorecer uma nova formação em psicologia escolar e educacional que pudesse responder as demandas sociais de Cabinda. Estes profissionais atuariam diretamente nos processos e problemas de escolarização de crianças, adolescentes entre outros. Assim, poderiam atender a uma demanda social que vem crescendo e diz respeito ao fracasso escolar, à infância, à adolescência, ao alcoolismo precoce e à evasão escolar. Dessa maneira, os resultados ora apresentados neste trabalho referem-se à última atividade da equipe de 2016.

Entendemos que a transição da formação em licenciatura, para uma formação que atue diretamente frente às demandas sociais e escolares, pode ser um desafio visto o sentido que muitos estudantes têm dado acerca do papel do psicólogo e dos problemas escolares de crianças e o modo como associam suas causas às determinadas práticas profissionais. Logo, ensejamos que a nova formação do psicólogo escolar e os espaços ofertados de escuta e assistência às crianças, adolescentes e famílias possam servir de operadores de intervenção orientados por uma visão socioeducacional, favorecendo os processos de escolarização dos sujeitos, revertendo as práticas medicalizantes dos processos escolares e ampliando a discussão de como estamos avançando na abordagem de impasses educacionais para além dos transtornos bioquímicos para tratar o psíquico.

O artigo está dividido em cinco partes. Na primeira introduzimos a nossa abordagem e circunstanciamos o nosso objeto. Em seguida, apresentamos aspectos contextuais sobre como se dá a formação em licenciatura de psicologia e como decorre o processo de implementação do curso em psicologia escolar e educacional. Terceiro, discutimos o contexto da pesquisa. Em seguida abordamos a visão que os estudantes em licenciatura têm acerca do trabalho do psicólogo e a associação dos problemas escolares a aspectos individualizantes. Por fim, apresentamos as considerações finais, sugerindo novos desdobramentos para pesquisas futuras.

1. O contexto do ISCED, a Licenciatura em Psicologia e a demanda de uma formação em Psicologia Escolar e Educacional

A República de Angola constitui-se como país independente de Portugal apenas em 1975. Durante 40 anos de sua libertação, o país vem enfrentando diversos desafios, em especial, o de tornar-se uma nação num quadro de diversas culturas étnicas. Descrever a realidade social de Angola é uma tarefa complexa, uma vez que os povos que constituem a nação angolana apresentam não só diferenças etnolinguísticas, mas também diversos níveis de integração social, política e econômica. “Nos anos 70 Cabinda é emancipada e corajosamente incorporada na então futura República de Angola” (BEMBE, 2013, p. 38).

A UON (Universidade 11 de Novembro), situada no enclave de Cabinda, província de Angola, foi criada em maio de 2009, por meio do Decreto n.º. 7/09 que estabeleceu uma reorganização da rede de instituições de ensino superior pública daquele país. Locus de nossa pesquisa, o ISCED/UON tem como finalidade “a formação de professores qualificados para o ensino de base, médio e superior de pessoal qualificado no domínio da Educação, bem como promover a Investigação Científica”. Sua estrutura compõe-se dos seguintes cursos: Ensino de Psicologia, Ensino de Pedagogia, Ensino de Matemática, Ensino de Biologia, Ensino de História e Ensino de Língua Portuguesa.

O ISCED funciona em instalações cedidas por uma escola pública do Bairro Cabassango, na periferia da cidade de Cabinda, compondo-se de dois pavilhões onde se distribuem onze salas de aula, uma sala de informática, uma sala de leitura (embrião da biblioteca), dois gabinetes de decanos, uma sala de professores, uma sala de reprografia, uma sala de coordenação, um pátio e um jardim. É importante observar, sendo instalações adaptadas, existe um problema crônico de falta de espaço, problema esse reincidentemente colocado pelos participantes da pesquisa.

Nesse contexto, os cursos de Licenciatura em Psicologia, Licenciatura em Pedagogia e Pós-Graduação do ISCED foram objeto de nossos estudos nas primeiras missões que ocorreram entre 2013 a 2015. O primeiro tem por objetivo formar professores para o Ensino de Psicologia em nível médio e superior, enquanto o segundo visa a formar professores para o ensino de base. Já a Pós-Graduação é incipiente e o projeto de criação do curso de Mestrado em Psicologia Escolar foi aprovado em 2017, junto ao governo

angolano e se reduz a três linhas de pesquisa: Psicologia Escolar, Educação Matemática e Metodologia do Ensino Superior.

Durante os estudos realizados pelas primeiras missões de trabalho, identificaram que o curso de Licenciatura em Psicologia apresentou problemas graves em sua estrutura e destino dos profissionais no mercado de trabalho, uma vez que não há demanda de um grande número de professores de Psicologia na cidade de Cabinda e na província de mesmo nome. Porém, parece haver grande demanda de outro perfil profissional, formado em Psicologia, que pudesse desenvolver trabalho conjunto com os professores da escola básica nos muitos problemas por ela enfrentados.

Que profissional seria esse? Essa questão problema foi anunciada pelo coordenador da pesquisa pelo ISCED, logo no início do estudo e se tornou o carro chefe da investigação. Logo de início, ficou claro que havia necessidade de nos debruçarmos no entendimento do perfil de um profissional, da área da Psicologia (e não do licenciado em Psicologia) que pudesse atender à demanda social de compreensão dos problemas dos alunos da educação básica relativos ao desenvolvimento e às dificuldades de aprendizagem, ao fracasso e evasão escolares, bem como à infância, à adolescência, ao alcoolismo precoce de jovens da província. Tratava-se, portanto, de estruturar um perfil de profissional, sugerido pelos professores brasileiros como Psicólogo Escolar e Educacional, que em parceria com os Pedagogos pudessem trabalhar no Sistema Educacional (nas escolas e fora delas) procurando soluções para os problemas emergentes do ponto de vista socioeducacional na comunidade cabindense.

Para isto, segundo os professores angolanos haveria que:

[...] introduzir a variante “PSICOLOGIA ESCOLAR” no lugar de “ENSINO DE PSICOLOGIA” para garantir a formação de profissionais competentes que garantissem o correcto funcionamento do ensino em Angola, (conforme Decreto nº 95/80). Ou seja, haveria necessidade de mudança curricular profunda para formar profissionais capazes de atender aos interesses supremos da nação nas questões relevantes da educação, do ensino-aprendizagem, questões relativas às dificuldades de aprendizagem de crianças e adolescentes, questões de adaptação escolar, de conflitos pais - filhos, escola - comunidade, professor - aluno, aluno -aluno, formação - emprego ou mercado de trabalho, estágio profissional de finalistas e de pesquisa continuada sobre questões de educação, ensino, aprendizagem durante toda vida e escolarização de crianças, jovens adolescentes e até, adultos etc. (ISCED - texto não publicado).

O curso de Ensino de Pedagogia tinha, à época da pesquisa, uma matriz curricular bastante semelhante ao do curso de Licenciatura em Psicologia. Afora as disciplinas mais gerais, encontramos dez disciplinas comuns entre os dois cursos, diferenciando-se apenas no que concerne às disciplinas de Metodologias. Assim, o curso de Licenciatura em Pedagogia possui dez disciplinas de diversas metodologias, além de literatura infantil, ortografia e redação que não constam no currículo do curso de Licenciatura em Psicologia. Este último, por sua vez, distingue-se do anterior por conter sete disciplinas específicas no campo da Psicologia.

O que tentamos mostrar aqui é um amalgamento entre os dois cursos de Licenciatura, dificultando a construção de uma identidade dos dois profissionais, o que vem ocasionando desagrado e descrença no profissional licenciado em Psicologia. Além disso, por falta de mercado de trabalho, este profissional tem se formado da área de Psicologia, mas atuado como professor das mais diversas disciplinas como matemática, educação física e outras.

Agora cumpre também demonstrar que na finalização dos cursos de Licenciatura em Psicologia e em Pedagogia e de todos os outros há uma preocupação da direção da Universidade em exigir uma produção acadêmica dos alunos nos moldes da monografia. Segundo Canhici (2013, p.36), que analisou, em dissertação de mestrado, 41 monografias dos cursos em referência, para a Reitoria da UON:

A monografia é um ensaio que permite ao graduando iniciar o trabalho científico tendo em conta os objetivos do ensino superior que são: o ensino, investigação e a publicação. Ensino, quando prima em dar aulas; investigação e produção desenvolvendo diferentes habilidades e capacidades nos alunos relativas aos conhecimentos científicos; produzir a cultura de âmbito científico e não só. Processo pelo qual se pretende resolver alguns problemas pontuais apresentados visando à produção desse conhecimento científico⁴.

Portanto, além de termos o compromisso de investigarmos o que se pesquisa na área da educação nas duas realidades, Brasil e Angola, e de criar um laboratório local no Instituto, outra questão básica surgiu ao nos depararmos com a realidade angolana. Tínhamos, portanto, ao iniciar os trabalhos, demandas claras que envolviam a discussão da mudança

⁴ Ver Decreto 95/82. Lei de bases/ 01 sobre a reforma educativa em Angola. Estágio do ensino em Angola.

do curso de Ensino de Psicologia para um curso de Psicologia Escolar; a discussão do perfil desse novo profissional; o levantamento dos problemas mais recorrentes no campo educacional em Angola que pudessem ser abordados com o referencial da Psicologia, Psicanálise e Educação; assim como efetivamente colaborar na construção de um laboratório e uma linha de pesquisas em nível de pós-graduação. A pesquisa, então, abarcou um universo maior do que havíamos previsto inicialmente.

Considerando a experiência brasileira, e do avanço das políticas públicas de educação, as quais propõe a inserção de psicólogos nas instituições escolares, e dos estudos já avançados em relação ao tratamento dado à problemática do fracasso escolar de crianças e adolescentes (SENA, 2015; SOUZA, 2014) de escolas públicas (PATTO, 2015), oriundos de classe social popular (SOUZA; SOUZA, 2007), os trabalhos realizados pela última equipe da missão de trabalho e estudos visou socializar estas experiências e construir com a equipe angolana alternativas na formação que contemplasse iniciativas como estas mencionadas, desde que levassem em consideração os contrastes entre as diferentes culturas. Em se tratando das novas propostas, tornou-se necessário explicitar qual é o estatuto da psicologia educacional e a psicologia escolar.

[...] a psicologia da educação pode ser entendida como sub-área de conhecimento, que tem como vocação a produção de saberes relativos ao fenômeno psicológico constituinte do processo educativo. A Psicologia Escolar, diferentemente, define-se pelo âmbito profissional e refere-se a um campo de ação determinado, isto é, o processo de escolarização, tendo por objeto a escola e as relações que aí se estabelecem; fundamenta sua atuação nos conhecimentos produzidos pela psicologia da educação, por outras sub-áreas da psicologia e por outras áreas de conhecimento. (ANTUNES, 2008, p. 470).

De acordo com a visão do autor, devemos considerar a presença de uma distinção entre a psicologia educacional e a psicologia escolar, embora ambas estejam intrinsecamente relacionadas, contudo não são idênticas, tampouco podem reduzir-se uma à outra, portanto preserva-se cada qual sua autonomia relativa. Dito de forma mais objetiva, a primeira tem por finalidade produzir saberes sobre o fenômeno psicológico no processo educativo. A segunda, por sua vez, constitui-se como campo de atuação profissional realizando as intervenções no espaço escolar ou a ele relacionado. Logo, tem como foco o fenômeno psicológico. Este, por conseguinte, está fundamentado em saberes

produzidos, não só, mas principalmente, pela sub-área da psicologia, a psicologia da educação.

Considerando as especificidades da atuação do psicólogo em diversas áreas, o Conselho Federal de Psicologia descreve as principais atividades desempenhas pelo psicólogo no âmbito da educação, que podem ser assim resumidas:

Atua nas instituições formais ou informais. Colabora para a compreensão e para a mudança do comportamento de educadores e educandos, no processo de ensino aprendizagem, nas relações interpessoais e nos processos intrapessoais, referindo-se sempre as dimensões política, econômica, social e cultural. Realiza pesquisa, diagnóstico e intervenção psicopedagógica individual ou em grupo. Participa também da elaboração de planos e políticas referentes ao Sistema Educacional, visando promover a qualidade, a valorização e a democratização do ensino. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

2. O contexto de pesquisa

Em 2016, como parte do projeto de implementação do LPPE, havia uma projeção de realizar o I Encontro Internacional de Psicologia, Psicanálise e Educação entre Angola e Brasil, o qual estava associado a um grande evento das “8^{as} Jornadas do Novembro Académico 2016”⁵, que acontece anualmente em Cabinda. Naquela ocasião buscávamos dar visibilidade ao Laboratório e a produção que já vinha sendo realizada no âmbito da parceria FaE-UFGM e ISCED-UON. Assim, um encontro científico em Cabinda nos pareceu propício e fecundo para a divulgação científica oriunda do Laboratório.

A missão de trabalho e estudos contou com a participação de um doutorando em educação, uma graduanda em pedagogia e a coordenadora do projeto. O plano de trabalho da equipe consistiu em desenvolver oficinas de preparação para o desenvolvimento de projeto de pesquisas, promover minicurso de formação de estudantes de psicologia para lidar com a queixa escolar e realizar atividade de pesquisa com os estudantes finalistas, do 4º anos de Licenciatura de Ensino de Psicologia.

⁵Jornada de apresentação de trabalhos acadêmicos realizada pela Universidade 11 de Novembro – UON, Cabinda, Angola.

As atividades, em boa parte, foram desenvolvidas dentro das instalações do LPPE – (ISCED-UON e FaE-UFMG, fruto de projeto da AULP-Capes⁶), em uma sala cedida pela Residência Universitária. Pretendíamos com aquelas atividades tornar a vivência do Laboratório num espaço comum, desmistificando dessa forma uma visão deturpada sobre aquele espaço, geralmente associado ao laboratório da área de saúde. Além disso, criamos um espaço de fala e escuta entre os estudantes, prática incomum em razão da ênfase dada ao ensino tradicional.

Para realizar as entrevistas semiestruturadas, em grupo, com os 14 (quatorze) estudantes finalistas da Licenciatura, utilizamos como estratégia a roda de conversa. Gravamos cada fala dos estudantes e os relatos foram transcritos na íntegra. Visávamos explorar as percepções que eles tinham acerca de como poderia ser realizado o trabalho do psicólogo escolar, já que se tratava de uma identidade profissional em construção. Os conteúdos dessas entrevistas foram categorizados em temáticas segundo as proposições de Bardin (2011). Quanto à análise das categorias, inspiramo-nos numa perspectiva etnográfica-contrastiva, por meio da qual fenômenos ou práticas culturais são estudados a partir da observação do contexto e considera o fato de que:

[...] a cultura não é uma variável, ou mesmo um conjunto de variáveis, mas um conjunto e princípios de práticas que são construídas por seus membros à medida que estabelecem papéis e relações, normas e expectativas, e direitos e obrigações que constituem o sentimento de pertença ao grupo social. (GREEN; DIXON; ZAHARLICK, 2005, p. 17).

Após a escuta e leitura das entrevistas, realizamos as categorizações. Em razão do recorte deste trabalho, vamos destacar aqui apenas duas grandes temáticas: atuação do psicólogo escolar e formas de tratamento dos problemas escolares.

3. A visão do estudante de licenciatura acerca do trabalho do psicólogo escolar

A identidade do psicólogo angolano, especialmente em Cabinda, ainda está em processo de construção, uma vez que na Província, apenas o Instituto Superior Politécnico da UON, a partir de 2012, iniciou a formação em psicologia clínica. Portanto, os recém-formados

⁶ Programa Pró-Mobilidade Internacional de Apoio à Pesquisa e ao Ensino CAPES/AULP – Edital – nº 33/2012

encontram poucos espaços de atuação junto à sociedade, em razão da ausência de políticas públicas que favoreçam a sua inserção. Por outro lado, percebemos que os estudantes de Licenciatura em Ensino de Psicologia do ISCED, embora não tenha consolidado essa formação, compreendem a representação do psicólogo escolar como um profissional que atua na resolução de problemas diretamente voltados aos aspectos que interferem no processo de aprendizagem, como nos relata um dos estudantes que participou da pesquisa.

O psicólogo lá pode atuar nos problemas encontrados e vivenciados nas escolas, como temos discalculia, dislexia, disgrafia e outros problemas do âmbito educacional. E não só, os psicólogos talvez devam também trabalhar com a família. Mesmo quando se está a estudar as dificuldades, nós devemos avaliar os dois lados, baixo rendimento e o que influencia, pra outros ter bom rendimento, o sucesso escolar. Ali poder, intercambiar outros que estão no baixo rendimento a chegar ao ponto que os colegas que estão no autoremendimento. (João⁷, 4º ano de Lic. Psicologia).

Nota-se que o estudante utiliza-se do discurso científico para descrever as dificuldades vivenciadas pelas crianças no âmbito escolar. Compara alunos com baixo rendimento entre aqueles que têm um bom rendimento, o que evidencia um discurso baseado no mérito, como se o sucesso escolar separasse alunos mais aptos daqueles inaptos. Ao nomear os impasses na aprendizagem como *discalculia*, *dislexia* e *disgrafia*, os problemas de escolarização acabam sendo reduzidos a fenômenos puramente neuropsicológicos.

Na visão de Collares e Moysés (2014), predomina-se na escola a disseminação epidêmica de supostos transtornos. Tal constatação leva a crer que o ideário escolar se encontra permeado e intensamente poroso, porque subalterno aos outros campos profissionais. Assim, a biologização, embasada em concepção determinista, tende a restringir todos os aspectos da vida como se fossem determinados por estruturas biológicas que não interagiriam com o ambiente. Portanto, retira do cenário todos os processos e fenômenos característicos da vida em sociedade, como a historicidade, a cultura, a organização social com suas desigualdades de inserção e de acesso, valores, afetos. Nesse sentido, nos parece bastante apropriada a colocação de um estudante que observa a necessidade de também

⁷ Nome fictício como os demais.

realizar um trabalho com os professores para lidarem com as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Também queria acrescentar que os problemas que os psicólogos vão intervir não só aquilo que abrange os alunos não. Tem a ver também com a parte profissional do professor. Saber que para se compreender as crianças têm que saber as fases do desenvolvimento do próprio homem. Há professores que aprendem, mas que diz que não aprenderam. Aprenderam, mas, talvez, às vezes quando tem preguiça de investigar um pouco mais e acabam por esquecer. Não conseguem deduzir certos comportamentos que a criança apresenta numa faixa etária. Não conseguem compreender. Isso tem sido causa de problemas na escola. Uma criança deu uma expressão e o professor não gostou! Talvez para outra pessoa que entende dos comportamentos da criança acha que é normal. Mas, aquele professor, por não está inserido dentro destes conhecimentos, acha que é um problema sério e leva enquanto exposição da criança, uma coisa que seria simples. Então, o psicólogo escolar estar aí, não só para ajudar a criança, mas a família e a própria instituição escolar. Ali está a direção, os professores, diretores pra ajudar nos planos do desenvolvimento do próprio processo de ensino e aprendizagem. (Manuel, 4º ano de Lic. Psicologia).

Percebemos neste relato o amplo alcance da atuação do psicólogo escolar, quando o estudante considera como parte da intervenção o foco também com os professores. Segundo o entrevistado, é papel do psicólogo contribuir não somente em ajudar nas dificuldades de escolarização da “criança”, além disso acolher as demandas da “família”, mas contribuir também com a “instituição escolar”. Esta narrativa contempla as discussões suscitadas por Souza (2014) segundo a qual, a formação deve considerar como relevante melhorar a qualidade dos serviços educacionais e não apenas a competência de seus professores. A autora se posiciona criticamente apontando:

[...] um argumento que em sendo utilizado para sustentar a crescente importância atribuída à formação continuada de professores no interior de um projeto de melhoria da qualidade da escola. Trata-se do argumento da incompetência, cujo cerne afirma a principal causa para a baixa qualidade do sistema educacional é, justamente, a incompetência dos professores. Em função de sua má-formação inicial, os professores não saberiam como lidar com a diversidade de alunos presente nas escolas hoje, especialmente aqueles das camadas populares. Consequentemente, seguindo essa linha de raciocínio, a única ou a principal ação a ser perseguida para melhorar a qualidade do sistema educacional, seria melhorar a competência dos professores. (SOUZA, 2014, p. 80).

Quando questionados a respeito do modo como os psicólogos escolares deveriam atuar nos espaços escolares, percebemos que alguns estudantes defendem uma visão restrita a

intervenção focada através no psicodiagnóstico, enquanto outros ampliam a atividade considerando como possibilidade a “orientação” como parte do processo de cuidado.

Se porventura eu tiver a sorte de trabalhar como psicólogo escolar, vamos em principio (sic) fazer um diagnóstico historial de cada criança a partir da convivência familiar. Se porventura trabalhar com ensino secundário, primeiro e segundo ciclo, devemos considerar o que vem da escola. Qual é a convivência desses meninos com outro? É esse, eu acho que isso aqui não é novidade. Em certas escolas fazem isso, de historiar fichas dos estudantes, da própria criança. Assim vai nos ajudar identificar certos problemas que vieram com ele desde a base e aqueles que porventura podem surgir no processo. (Maria, 4º ano de Lic. Psicologia)

Mas, o elemento base, tendo em conta de que nós estamos em uma formação, em uma fase embrionária, é a orientação. Primeiro que nós, o elemento fundamental do princípio de nossa atividade é orientar. Porque nós não estamos em condições de tratar ou curar qualquer criança que puder aparecer com qualquer transtorno que puder surgir. Era mais ou menos isso que eu queria. (Armênio, 4º ano de Lic. Psicologia)

A primeira narrativa nos mostra de modo bem distinto três formas de tratar os problemas de escolarização. Primeiro, elaborando um psicodiagnóstico levando em consideração como ocorre a vivência da criança na convivência com a sua família. Segundo, avaliar o nível de interação, portanto, a socialização surge como um elemento que não deve ser desprezado, pois pode ser revelador de debilidades. Terceiro, investigar a relação da criança com a escola. Parte-se do pressuposto de que as escolas também fazem anotações sobre as crianças. Logo, os professores no seu cotidiano têm alguma percepção e saber sobre o desenvolvimento dos alunos. Chama a nossa atenção a busca de encontrar os determinantes das dificuldades escolares como sendo resultante de uma visão reducionista, por exemplo, o estudante relata “certos problemas que vieram com ele desde a base”, ao passo que quando o problema não é concebido como uma questão individualizante, ele é de certo transferido para o meio ambiente, conforme declara o estudante: “aqueles [problemas] que porventura podem surgir no processo”.

No que diz respeito a segunda narrativa, o estudante considera esse momento da formação do psicólogo escolar como “uma fase embrionária”, levando a sugerir que a construção da identidade profissional está em fase incipiente. Logo, caberia ao psicólogo trabalhar com a “orientação”. Na tentativa de se contrapor ao primeiro estudante, o segundo leva em consideração as limitações decorrentes da ausência de práticas, que são características

deste processo inicial do torna-se psicólogo. Assim, considera-se que no estágio atual em que se encontravam e, considerando os diferentes transtornos que as crianças apresentam, acreditava que haviam limites claros quanto a dificuldade “de tratar ou curar qualquer criança que puder aparecer com qualquer transtorno”.

Depreende-se dessas narrativas que os estudantes de Licenciatura de Ensino de Psicologia parecem ter clareza sobre as diferentes possibilidades de atuação do psicólogo considerando o contexto escolar como seu principal *lôcus* de prática. A visão de reduzir os problemas escolares estritamente aos sujeitos não seria incomum, já que a literatura americana, durante décadas, buscava identificar os determinantes do baixo rendimento escolar em variáveis externas ao sistema escolar. Dessa maneira, influenciados pela “teoria da carência cultural” os pesquisadores e profissionais da educação e saúde de um modo geral, buscam identificar os determinantes do baixo rendimento escolar em variáveis externas ao sistema escolar.

Havia a predominância de estudos que não só caracterizavam psicológica e sociologicamente os sujeitos ou o ambiente em que vivem, mas também investigavam a influência dessas características – como variáveis independentes sobre a aprendizagem ou o nível de escolaridade (ANGELUCCI, et al, 2004, p.55).

Foi nesse contexto, marcado pela disseminação de uma concepção de fracasso escolar, sobretudo diante de altas taxas de reprovação e evasão escolar da escola pública, que coincidentemente “importava-se” para o Brasil a “teoria” norte-americana da *carência cultural*. (ANGELUCCI, et al, 2004). O que esta teoria explicava era o fato de “as crianças das chamadas minorias raciais não se saíam bem na escola porque seu ambiente familiar e vicinal impediria ou dificultaria o desenvolvimento de habilidades e capacidades necessárias a um bom desempenho escolar (PATTO, 1992, p. 109). De modo objetivo, Patto sintetiza o conjunto desses “saberes” os quais buscavam explicar a origem do fracasso escolar:

Todas essas versões, sob certos aspectos muito diferentes umas das outras, têm em comum o fato de situarem as causas das dificuldades escolares nos alunos e em suas famílias. Se é verdade que há progressos nesta sequência – na passagem da primeira para demais, por exemplo, dá-se a passagem de concepções genéticas para concepções ambientalistas da inteligência –, é verdade também que todas elas definem “ambiente” de maneira naturalista, a-histórica, não levando em conta as relações de produção e as questões do poder e da ideologia e, nessa medida, deixam espaço para a penetração da

Ciência pelo senso-comum, pelo que parece ser, pelos preconceitos e estereótipos sociais relativos a pobre e não-brancos (PATTO, 1992, p. 109)

Percebemos que este discurso da individualização do fracasso escolar ainda tem sido utilizado como argumento para responsabilizar as crianças, os adolescentes e as suas famílias pelas dificuldades vivenciadas em seu processo de escolarização. Não obstante, também identificamos um novo movimento feito através de práticas e saberes que agenciam novas formas de atuação do psicólogo escolar, certamente pautado em uma compreensão crítica, buscando, assim, novas possibilidades de mudanças nas diferentes formas de lidar com os processos que dificultam o ensino e a aprendizagem.

Nessa perspectiva, o desafio da formação em psicologia escolar para os angolanos talvez não tenha a mesma dimensão e significado tal como compreendemos os diferentes campos de atuações dos psicólogos brasileiros, profissão regulamentada desde 1962, com características que lhes são próprias, embora ainda em construção, mas com muitos saberes já consolidados. Nesse sentido, a missão de estudos nos possibilitou construir, através do LPPE, um espaço de diálogo em um campo formação em processo de construção. Embora tenhamos contrastes entre as universidades do Brasil e de Angola, além do modo como formamos psicólogos, nos solidarizamos com a reflexão proposta por Viana, pois entendemos que os problemas escolares daqui se relacionam de algumas formas ao cotidiano de Cabinda.

Na nossa sociedade cultuamos os direitos individuais e comunitários, entretanto convivemos com a problemática da exclusão de grande parcela da população na participação dos bens. O direito à educação formal com todos os seus efeitos na vida social, ainda não se concretizou para uma boa parte da população. Esta realidade faz parte do cotidiano e dos problemas com os quais se deparam os psicólogos e as psicólogas escolares. O discurso crítico não é hegemônico, embora nos últimos anos tenha começado a surgir algumas práticas inovadoras, que de maneira geral, são construídas em bases e expectativas mais realistas. E assim se propõe a pensar a Psicologia Escolar como uma possibilidade de favorecer a criação de condições apropriadas ao desenvolvimento e à aprendizagem, colocando no campo das preocupações a ética individual e social (VIANA, 2016, p.54)

4. Considerações finais

As missões de estudos realizadas no âmbito do Programa Pró-Mobilidade Internacional da Associação das Universidades de Língua Portuguesa – CAPES/AULP, em particular

a última concluída em dezembro de 2016 trouxe alguns resultados positivos. Primeiro, considerando a realidade institucional do ISCED, os professores não tinham experiência com a prática de grupos de estudos e de pesquisas, como tradicionalmente desenvolvemos em nossa universidade. Logo, a partir da implementação do LPPE algumas pequenas iniciativas como a orientação de TCC na sala do Laboratório, reuniões, o fato de ter sido aprovado o projeto de pós-graduação de um mestrado e a implementação do curso de psicologia escolar educacional, são resultados que certamente terão impacto na sociedade de Cabinda.

Ensejamos que a nova formação do psicólogo escolar e os espaços ofertados de escuta e assistência às crianças, adolescentes e famílias possam servir de operadores de intervenção orientados por uma visão socioeducacional, favorecendo os processos de escolarização dos sujeitos, revertendo as práticas medicalizantes dos processos escolares e ampliando a discussão de como estamos avançando na abordagem de impasses educacionais para além dos transtornos bioquímicos para tratar o psíquico.

Dessa maneira, o campo de formação em psicologia escolar e educacional, em processo de construção em Cabinda, nos parece um terreno fértil para futuras pesquisas que se debrucem a compreender aspectos culturais envolvidos nesta dimensão do ensino, da aprendizagem e de uma identidade profissional do psicólogo angolano.

REFERÊNCIAS

ANGELUCCI, C.B; KALMUNS, J; PAPARELLI, R; PATTO, M.H.S. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. *Educação e Pesquisa*, v. 30, n. 1, p. 51-72, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S15177022004000100004&script=sci_abstract> Acesso em: 26/05/2018.

ANTUNES, M.AM. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 12, 2, Julho/Dezembro, 2008, p. 469-475

CANHICI, M. H.(2014). *Estudo sistemático de monografias dos finalistas do ISCED/UON sobre Dificuldades de Aprendizagem (2006-2011)*, 2014. Dissertação

(Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

BEMBE, M. D. *A questão de Cabinda uma visão estratégica: evolução da situação e cenários de futuro*. Lisboa: Edição de Angola, 2013.

COLLARES, C.A.L; MOYSÉS, M.A.A. A educação na era dos transtornos. In VIÈGAS, L.S; RIBEIRO, M.I.S; OLIVEIRA, E.C; TELES, L.A.L (Orgs). *Medicalização da Educação e da Sociedade*. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 45-65.

GREEN, J.L ;DIXON, C.N ; ZAHARLICK, A. A etnografia como lógica de investigação. *Educação em Revista*. v. 42, p.13-79, 2005.

PATTO, M. H. S. A Produção do Fracasso Escolar: *Histórias de Submissão e Rebeldia*. São Paulo: Intermeios, 2015.

_____. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. *Psicologia (USP)*, 3, (1,2), p. 107-121, 1992.

SENA, I.J. Queixa escolar e adolescência: *sentidos construídos em contexto de vulnerabilidade social em Camaçari-Ba*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SOUZA, B.P. Orientação à queixa escolar. In: VIÈGAS, L.S; RIBEIRO, M.I.S; OLIVEIRA, E.C; Teles, L.A.L (Orgs.). *Medicalização da Educação e da Sociedade*. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 69-92

SOUZA, D.T.R Formação continuada de professores e fracasso escolar: problematizando o argumento da incompetência. SOUZA, D.T.R & SARTI, F.M. (orgs.). *Mercado de Formação docente : constituição, funcionamento e dispositivos*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014, p. 171 -190.

SOBRAL, K. R; SOUZA, B. P. Características da clientela da orientação à queixa escolar: revelações, indicações e perguntas. In: SOUZA, B. P (Org.). *Apresentando a Orientação à Queixa Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p.119-134

VIANA, M.N. Interfaces entre a Psicologia e a Educação: Reflexões sobre a atuação em Psicologia Escolar. In. FRANCISCHINI, R; VIANA, M.N. (orgs.). *Psicologia Escolar: que fazer é esse?* Conselho Federal de Psicologia: Brasília, 2016, p. 54-73.